Corpo e corporeidade na literatura intertestamentária bíblica e apócrifa

Body and corporeality in Intertestamental Biblical and Apocryphal Literature

Jacir de Freitas Faria[1]

Submetido em 18/03/2026
Aceito em 09/06/2026

RESUMO

Refletir sobre o período intertestamentário nos coloca na dimensão do pensar o corpo e sua corporeidade nas literaturas bíblicas e apócrifas, pois elas refletem a passagem de uma antropologia judaica para a dualista grega helenista até o evento morte do corpo e ressurreição gloriosa de Jesus. São quatrocentos anos de silêncio de Deus na voz profética de seres humanos. O corpo é a nossa identidade. Essas literaturas refletem sobre corpo e corporeidade de modo singular e em contextos de dominação e aparente ausência de Deus. Com o advento de Jesus essa relação corpórea é ressignificada.

Palavras-chave: Intertestamento, Bíblia Apócrifa, corpo, corporeidade, Grande Silêncio.

ABSTRACT

Reflecting on the intertestamental period places us in the dimension of thinking about the body and its corporeality in biblical and apocryphal literature, as they reflect the transition from a Jewish anthropology to the dualistic Greek Hellenistic anthropology up to the event of the death of the body and the glorious resurrection of Jesus. These are four hundred years of God's silence in the prophetic voice of human beings. The body is our identity. These literatures reflect on the body and corporeality in a unique way and within contexts of domination and apparent absence of God. With the advent of Jesus, this bodily relationship is given new meaning.

Keywords: Intertestamental, Apocryphal Bible, body, corporeality, Great Silence.

1 Introdução[2]

Refletir sobre o período intertestamentário nos coloca na dimensão do pensar o corpo e sua corporeidade nas literaturas bíblicas e apócrifas, pois elas refletem a passagem

[1] Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE. Professor no Seminário Sagrado Coração de Jesus, Diamantina, Brasil. E-mail: bibliaeapocrifos@bibliaeapocrifos.com.br.

[2] Este artigo foi apresentado de forma preliminar na forma de mesa temática em 27 de agosto de 2026 no XI Congresso Internacional de Pesquisa Bíblica, realizado pela Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica no Rio de Janeiro.

de uma antropologia judaica para a dualista grega helenista até o evento morte do corpo e ressurreição gloriosa de Jesus. São quatrocentos anos de silêncio de Deus na voz profética de seres humanos.

O corpo é a nossa identidade. O presente artigo, como contribuição ao XI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (Abib), pretende ser uma contribuição à reflexão, tendo em vista a análise de passagens selecionadas e livros das literaturas bíblicas canônicas e apócrifas da referida época e um pouco posterior. O contexto e as personagens são analisados nas perspectivas do corpo e corporeidade.

2 Período intertestamentário: de Malaquias a Jesus, contexto e o silêncio de Deus

O período intertestamentário vai da época do profeta Malaquias (425 a.E.C.) até a manifestação de Jesus como Messias. Ele é chamado de o Grande Silêncio de Deus na voz de profetas e profetisas. Com o profeta Malaquias terminaram as revelações! Somente 400 anos depois é que o profeta João Batista retoma o profetismo ao anunciar a chegada do Messias na pessoa de Jesus. Portanto, o período intertestamentário vai de Malaquias a João Batista.

O livro do profeta Malaquias termina recordando a importância de seguir a Lei dada por Deus a Moisés, bem como prometendo que Deus enviaria seu profeta Elias, arrebatado aos céus, conforme 2Rs 2,11-13, antes que chegasse o Dia do Senhor, dia terrível. Elias faria voltar o coração dos pais para os filhos e dos filhos para os pais, de modo que o Senhor não mais feriria a terra com um anátema, uma maldição.

2.1 Contexto

No tempo do silêncio de Deus reinavam os persas, atual Irã a partir de 1935, quando o país se modernizou. Os persas haviam dominado a Babilônia de Nabucodonosor, O Grande, que, por sua vez, manteve cativas as lideranças do povo de Deus, na Babilônia, atual Iraque, por mais de 50 anos até a chegada do império Persa, em 539 a.E.C., com o conquistador Ciro, O Grande.

No período intertestamentário, vários povos, com suas características próprias exerceram seu domínio sobre o povo de Deus: os persas (397-336 a.E.C.); os gregos (336-323 a.E.C.); os egípcios (323-198 a.E.C.); os sírios (198-165 a.E.C.); os macabeus (165-163 a.E.C.); os romanos (63-4 a.E.C.). No vai e vem de dominadores, corpos recebem suas marcas de violência e sofrimento. Dentre esses dominadores, destacam-se os gregos por sua influência direta sobre os corpos de judeus e o modo do judaísmo conceber a religião.

Quando Alexandre Magno, da Macedônia, em 333 a.E.C., conquistou todo o Oriente Médio, inclusive a Palestina, uma mudança radical ocorreu na região. O pensamento grego helenista foi globalizado a partir da Paideia grega helenista, isto é, a educação que fundiu o pensamento do oriente com o do ocidente. O menino Alexandre, educado por Aristóteles, se transformou em um adulto apaixonado pelas coisas gregas, levado adiante pelo seu ideal pan-helênico (Bright, 1980, p. 561-563).

Muitos judeus, assim como outros dominados, se encantaram com a cultura e a civilização gregas. Alguns chegaram a perder a identidade nacional. Entre os judeus, ocorreram dois movimentos. O primeiro diz respeito aos que residiam na Palestina, os quais tinham uma acentuada resistência à cultura grega. O segundo, composto dos judeus da diáspora – aqueles viviam fora da Palestina –, aceitou e assimilou muitos valores da nova cultura. Foram esses que, mais tarde, no tempo do Segundo Testamento, chamados

de judeus helenistas, ajudaram, sobremaneira, na elaboração e na expansão da teologia cristã com elementos da Paideia helenística (At 6,1).

2.2 O rompimento do silêncio e sua relação com corpos

Com a chegada do Segundo Testamento, surge João Batista, figura de destaque nos quatro evangelhos. Ele vai para o deserto anunciar que o Messias, do qual ele nem seria digno de desamarrar as correias de suas sandálias, isto é, não teria posse sobre ele (Mc 3, 1-17; Mt 1,1-8; Lc 3,1-18; Jo 1,19-33), estaria para iniciar o ministério.

Para recordar a caminhada do povo do Primeiro Testamento, João vai para o deserto, do outro lado do Jordão. Ele não se intitula profeta, mas aquele que veio preparar os caminhos do Messias, o Salvador esperado. Seu batismo era o de conversão, mas o de Jesus, o do Espírito. João realiza um batismo de corpos no rio Jordão. Jesus vai ao encontro de corpos sofridos e marginalizados, demonstrando que a misericórdia de Deus agiria a partir do Salvador anunciado e esperado por mais de mil anos. A salvação estava próxima. A atuação de Jesus esteve voltada para o cuidado de corpos sofridos e expulsos do Templo pela Lei que os classificava como malditos de Deus. Portanto, a espiritualidade de Jesus era a do encontro de corpos, para neles exercer a misericórdia.

Se o livro de Malaquias fecha o Primeiro Testamento falando do envio de Elias e sua relação com o Dia do Senhor, o Segundo Testamento tem uma passagem de fundamental importância para entender o significado da vinda de Jesus e sua relação com os corpos. Trata-se de Mt 25,31-46:

> Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos, e porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, receber por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer...

O texto de Mt 25 evidencia que a salvação passa por corpos que comem, bebem etc. Ele é também a continuidade da ação de Jesus no Juízo Final. Corpos serão separados. Os escolhidos serão os que cuidaram de corpos na terra. Essa visão contesta a visão religiosa do Primeiro Testamento, a qual estava baseada no templo, sacerdócio e sacrifício. O judaísmo pregava a pureza ritual. Os sacerdotes eram consagrados. Recebiam suas vestes sacerdotais. Tornavam-se, simbolicamente, corpos puros para oferecer sacrifícios. O templo garantia o seguimento da Lei e a exclusão.

Jesus começa a sua ação, no evangelho de João, com um chicote nas mãos expulsando os vendilhões do templo (Jo 2,13-17). Com a ressurreição de um corpo que também sofreu e morreu, Jesus rompeu com o sistema religioso do Primeiro Testamento. A morte de seu corpo na cruz e ressurreição gloriosa significou o fim dos sacrifícios exigidos pela Lei judaica.

No entanto, os cristãos acabaram retornando ao Primeiro Testamento a partir da liturgia cristã. José Comblin afirma que a partir do século II, o clero foi assumindo a direção dos cristãos a partir do Primeiro Testamento:

> Aplicou-se tudo o que se diz dos sacerdotes do templo de Jerusalém como se isso fosse positivo. Aplicar-se o que se atribui aos sacerdotes de Jerusalém devia ser um pecado. Fizeram o contrário. Tomaram todos os capítulos do sacerdócio do Antigo Testamento como se fosse a legitimação e o anúncio do seu próprio sacerdócio. Nasceu o sacrifício porque fizeram da eucaristia um sacrifício, uma oblação feita a Deus para substituir as oblações do antigo Testamento. A eucaristia deixou de ser o memorial de Jesus para ser

> um sacrifico oferecido a Deus. Esse sacrifício serviu para todas as circunstâncias: para festejar os santos, para rezar pelos defuntos e pelas almas do purgatório, para celebrar os aniversários, as festas de formatura e mil situações diferentes como se a eucaristia se prestasse a tudo: é como uma oração mais forte porque é uma oferta. Mudou o sentido da eucaristia dentro da cristandade. Foi transformada num ato de devoção (Comblin, 2005, p. 58).

O corpo de Jesus eucarístico passou a ser objeto de devoção e de poder dos sacerdotes. Somos herdeiros desse modo cristão, inspirado no judaísmo, quando nossas missas passaram a ser devocionais ao celebrar aniversários, sétimos dias, bodas, formaturas etc.

3 Literatura intertestamentária na perspectiva do corpo e corporeidade

No período intertestamentário, de Malaquias a Jesus, surgem literaturas canônicas e apócrifas, as quais tratam, dentre outros temas, da relação de corpos no vazio do Grande Silêncio de Deus. Da parte dos canônicos surgem os livros de Tobias, Judite, Ester, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc e 1 e 2 Macabeus, livros considerados apócrifos pelos evangélicos e protestantes, e deuterocanônicos pelos católicos. Já na literatura apócrifa, escritos que não foram considerados inspirados pela Igreja, podemos citar Enoque, Testamento dos Doze Patriarcas, Evangelho de Maria Madalena, Evangelho de Tomé, 1 e 2 Esdras, Oração de Manassés etc.

3.1 O livro de Tobias: cuidado com corpos familiares

O livro de Tobias, escrito, por volta do 200 a.E.C., em hebraico e traduzido para o grego, narra a história piedosa de um judeu da tribo de Neftali, Tobit, que vivia na Diáspora, em Nínive, Assíria. No exílio, ele recorda os grandes feitos de sua trajetória como judeu dedicado ao cumprimento da Lei judaica: cuidar dos pobres, fazer esmola, dar sepultura aos mortos, fazer sacrifícios, ir ao templo de Jerusalém etc. Tobit foi acometido de cegueira por causa de excrementos de pardais. Seu filho, Tobias, recebe a missão de ir ao encontro de uma parenta, Sara, filha Raguel. Ela tinha sido casada sete vezes. Seus maridos eram mortos pela ação do demônio Asmodeu. Acompanhado pelo anjo Rafael, disfarçado em um corpo humano, Tobias se encontra com Sara e casa-se com ela. O anjo oferece a Tobias o fel de peixe que curaria os olhos de seu pai, Tobit. E assim, aconteceu. Quando Tobit volta a enxergar, ele diz para o seu filho: "Agora te vejo, filho, luz dos meus olhos!" (Tb 11,13). Essa novela revela a relação com os corpos mutilados, Tobit e Sara. O primeiro não podia ver, o segundo não tinha direito ao matrimônio, relação de corpos para gerar a vida. Deus é a Luz que ilumina a vida de ambos. Tobit é o exemplo de um judeu sábio da Diáspora que cuida das pessoas e é cuidado pela ação de Deus.

3.2 O livro de Judite: a mulher que corta a cabeça do opressor

Judite, nome que significa "a judia", foi uma mulher que atuou por volta do ano 150 a 200 a.E.C. O seu povo estava sitiado em Betúlia, cidade da Samaria, em Israel. Os gregos dominavam, sob o comando de Antíoco IV Epífanes, o povo judeu de forma cruel e sanguinária. A história de Judite é uma novela para contar como essa mulher bonita e viúva saiu em defesa de seu povo, que estava passando por transformações

culturais em seus corpos por causa da dominação grega. Muitos judeus procuravam reverter a circuncisão, sinal corporal de aliança com o Senhor.

O general Holofernes atacava. Seu objetivo era impedir o culto judaico ao Deus de Israel. O povo estava privado de seus costumes religiosos. Eles estavam sendo obrigados a aceitar a cultura e os costumes gregos. Muitos já haviam dado suas vidas em martírio, como a mãe e seus sete filhos (2Mc 7). Essa família teve seus corpos dilacerados e jogados em um recipiente de azeite ao fogo.

Judite reza, enfeita-se, vai ao acampamento do opressor. Ela fica sozinha com o general Holofernes e o seduz. Embriagado, depois de um banquete, Judite corta a sua cabeça. Ela volta com o trunfo em suas mãos e é aclamada pelos judeus (Jt 13).

Nesse momento, os dominadores fogem, pois a sua liderança estava morta. O livro faz referência a Nabucodonosor, rei da Babilônia, mas a trama ocorre no período helenista, a dominação grega sobre os judeus.

Cortar a cabeça significa eliminar o mal pela raiz. Judite traz numa mão a cabeça de Holofernes. Com a outra, apresenta o opressor. Seu olhar é para a cabeça, demonstrando a sua vitória. O malvado foi vencido por Deus! O poder que oprime não reina mais. A novela leva o povo a perceber a ação de Deus por mãos de uma mulher fiel, um exemplo de vida.

3.3 O livro de Ester: a bela rainha que salvou seu povo do extermínio

Ester era judia e órfã. Foi criada pelo seu primo, Mardoqueu, um judeu da tribo de Benjamim que foi levado entre as lideranças judaicas deportadas (Est 2,6-7), quando do domínio babilônico, em 587 a.E.C., sobre Judá.

O livro de Ester, escrito entre os anos 160 a.E.C. a 114 a.E.C., relata que, certa feita, o rei da Pérsia deu uma festa no seu palácio. Sua esposa e rainha, de nome Vasti, foi convidada pelo rei para mostrar sua beleza para os convidados. Ela, então, recusou, causando a indignação do rei, que mandou chamar todas as mulheres bonitas do reino para escolher uma dentre elas. Ester compareceu e caiu nas graças do rei, que a fez sua rainha, casando-se com ela.

No reino, havia um príncipe de nome Hamã que não gostava de Mardoqueu, pois este não se curvava diante dele. Hamã decidiu, então, exterminar, por causa de Mardoqueu, o povo judeu. Ele chegou a definir dia e hora. Dois dragões aparecem no sonho de Mardoqueu, quando recebeu a revelação de Hamã, que iria devorar os justos judeus.

Mardoqueu contou o plano de Hamã para Ester. A rainha pediu ao povo para jejuar por três dias. Ela, então, convidou o rei para um banquete. Nele, ela revelou para o rei que era judia e contou o plano de Hamã. Indignado, o rei mandou degolar Hamã com a forca que este tinha preparado para Mardoqueu.

O povo judeu faz a memória de Ester, lendo o seu livro na sinagoga, na festa do Purim, substantivo que significa "o dia sorte", dia escolhido por Hamã para exterminar o povo judeu. Essa novela bíblica marcou a história do povo judeu para sempre.

3.4 O livro de Eclesiástico: o corpo belo de mulher submissa ao homem

Eclesiástico ou Sabedoria de Jesus, filho de Sirac, ou simplesmente Sirácida, escrito inicialmente em hebraico por volta de 200 a.E.C. , e traduzido para o grego por seu neto por volta de 135 a.E.C., apresenta discursos sobre a vida religiosa judaica. Em relação ao

corpo, destaca-se a rejeição à mulher, considerada, no confronto com o helenismo, como propriedade do marido e esposa. Fora disso, ela não tem valor, não tem dignidade.

O autor aconselha o homem: No capítulo 7, versículo 19 o autor faz uma primeira observação sobre a mulher: "Não te separes da mulher sensata e boa que recebeste em sorte, no temor do Senhor. A graça de sua modéstia vale mais do que o ouro (Eclo 7,19). Além disso, aconselha: Tens uma mulher segundo o teu coração? Não a repudies. Contudo, se deixaste de amá-la, não confies nela" (Eclo 7,26). Em 9,1: "Não tenhas ciúme da tua esposa, para que ela não pense mal de ti".

O homem é convidado a manter uma guarda constante sobre o corpo da mulher. Ele só se realiza na união estável com a mulher, especialmente quando esta é bela, carinhosa e bem-educada (Eclo 36,26-31). A visão negativa da mulher é bem acentuada, conforme relata Eclo 25,24: "Foi pela mulher que o pecado começou, e é por sua causa que nós morremos". E ainda: "Se a mulher não obedece ao dedo e ao olho, separa-te dela" (Eclo 25,26). Essa visão negativa da mulher foi empecilho para que os judeus não considerassem o Eclesiástico como livro inspirado.

Em relação às filhas, o autor é também severo: "Tens filhas? Cuida de seus corpos e a elas não mostres face indulgente." (Eclo 7,24). Já os filhos devem ser educados e dobrar o pescoço ao pai (7,23).

O livro do Eclesiástico é ambíguo em relação à mulher e seu corpo. Ela é como o sol que se levanta nas alturas do Senhor, como luz que brilha no candelabro sagrado, mas deve ser submissa ao marido, ao âmbito do lar. Ela é um corpo objeto e não sujeito da história.

3.5 O livro da Sabedoria: o corpo se tornará cinzas, mas o justo será imortal

Escrito, possivelmente, entre os anos 30 a.E.C e 14 E.C., o livro da Sabedoria procura uma resposta para o justo diante da Teologia da Retribuição. Em Deus, após a sua morte, o justo será recompensado com a vida eterna. Seu corpo será glorificado em Deus. "A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá" (Sb 3,1).

Em relação à vida terrena, o autor de Sabedoria reflete: "Breve e triste é nossa vida, o remédio não está no fim do homem, não conhece quem tenha voltado do Hades. Nós nascemos do acaso e logo passaremos como quem não existiu; fumo é o sopro de nosso nariz, e o pensamento, centelha do coração que bate. Extinta ela, o corpo se tornará cinza e o espírito se dispersará com o ar inconsistente" (Sb 2,1-3). Essa reflexão é voltada para o ímpio que planeja explorar o justo.

Para o autor, a busca da imortalidade consiste em estar em comunhão plena com Deus que se concretiza na vida segundo a justiça (1,15). Assim, o justo permanece vivo na história (4,1b;8, 13a). Imortalidade beatífica do justo não é consequência metafísica da imortalidade da alma, mas puro dom de Deus.

A influência do modo de pensar grego aparece no livro da Sabedoria, quando o autor admite a dualidade corpo e alma: "Um corpo corruptível pesa sobre a alma e – tenda de argila – oprime a mente pensativa" (9,15).

Diante da visão grega da imortalidade, o autor de Sabedoria ensina que o caminho que nos conduz à imortalidade é a prática da justiça, que deve ser amada e buscada por todos (1,1). Esse é o seu destino (1-5). Por outro lado, o autor concorda com a visão grega da imortalidade: "Deus criou o homem para a imortalidade" (2,23). Caso ele se deixe moldar pela sabedoria divina, ele viverá na eterna felicidade duradora em Deus (3,9).

O livro da Sabedoria serviu de fonte de esperança para os cristãos, após a morte de Jesus, na fé na ressurreição em Deus.

3.6 O livro de Enoque: corpos de anjos humanos e glorificados

Escrito entre os anos 300 e 100 a.E.C., a história apocalíptica de Enoque está dividida em três livros. O livro I, nos capítulos 1 a 36, intitulado Livro dos Vigilantes conta como anjos caídos (Vigilantes) assumem forma de corpos. Eles se relacionam com mulheres e geram os gigantes, anjos humanos, chamados de Nephilim, citados em Gn 6,4. Após o dilúvio, eles se tornam espíritos desencarnados. A altura desses gigantes era de 135 a 157 metros (300 côvados). Eles devoraram os seres humanos, seus pertences e natureza. Essas atitudes dos anjos decaídos causaram o dilúvio, pois eles implantaram a violência e a maldade na terra. Liderados por Samyaza e Azazel, os anjos decaídos corromperam a humanidade ensinando conhecimentos proibidos, como magia e metalurgia.

O sétimo patriarca a contar depois de Adão (1Jd 1,14), Enoque, pai de Matusalém e bisavô de Noé, e que deu nome ao livro, tem também destaque especial na relação direta com a questão do corpo, pois é dito que ele foi arrebatado ao céu, onde recebeu um corpo glorificado, não tendo sido acometido pela morte física. Antes, porém, ele faz viagens ao céu. A ressurreição em Enoque equivale a uma restauração do corpo para participar do reino messiânico.

3.7 Testamento dos Doze Patriarcas

Escrito na Palestina, Testamento dos Doze Patriarcas é uma obra sobre a qual há duas hipóteses plausíveis de composição e autoria: (a) um judeu-cristão recolheu, por volta do ano 200 E.C., em uma coletânea de testamentos judaicos, escritos entre os anos 130-63 a.E.C., e os modificou a partir do pensamento cristão; (b) os judeus essênios de Qumran a compuseram (Sacchi, 1993, p. 321)

Tendo recebido influência de Eclesiástico, o conteúdo do Testamento dos doze filhos de Jacó, escrito em hebraico com versão grega, quando esses estavam prestes a morrer, nos oferece discursos morais permeados de exortações em relação às virtudes e vícios, dentre outras temáticas, como a profética-apocalíptica e a história de Israel. Em relação ao corpo, destacamos a questão da sexualidade e formação do corpo humano.

(a) *Dominar o desejo sexual.* O jovem é chamado a não se iludir com o desejo sexual, mas a dominá-lo. Ruben, em seu testamento, dá testemunho de sua atitude insensata em relação ao sexo e convoca "seus filhos" a manterem-se puros, a não correrem atrás da beleza da mulher e da fornicação. "O pecado da fornicação é a fossa da alma, nos separa de Deus e nos aproxima da idolatria", afirma Ruben (Test. de Ruben, 4). José é tomado novamente como exemplo de homem comedido que não se deixou levar pela egípcia, a mulher de Putifar, que tentou seduzi-lo com a sua beleza. Forte, no entanto, é a afirmação de Ruben contra as mulheres: "Malvadas são as mulheres, meus filhos, visto que não têm nenhum poder sobre os homens, usam o engano da beleza para atraí-los. Aquelas que não podem seduzir pela beleza, o vencem com o engano" (Test. Ruben, 5). Ruben termina aconselhando os homens a impedir que suas mulheres se vistam com joias e adereços para seduzir os homens. Aquelas que agirem assim serão destinadas à punição eterna. Isacar testemunha que se casou aos trinta e cinco anos, não pensando no prazer da mulher, mas porque o cansaço do trabalho tirava as suas forças e ele, então, dormia (Test. Isaacar 3,5). E ele ainda testemunha no fim da vida: "Exceto minha mulher, nunca conheci (tive relações sexuais) com outra mulher" (7,2). Judá adverte aos seus filhos de não amar o dinheiro e de nem se deixar levar pela beleza da mulher, pois ele é exemplo do pecado cometido por causa da beleza da cananeia Besue (Test. 17,1). Testamento de Rubem 2, 1-9 elenca sete espíritos de engano, criados por Beliar e colocados no jovem. O último deles é o do desejo do sêmen e do coito, relação sexual. Esse espírito é o último

a ser criado por Deus, mas é o primeiro para os jovens. Esse desejo leva o jovem ao pecado, o guia como um cego ao buraco e uma ovelha ao matadouro. O desejo não conhece o conhecimento. É ignorante.

(b) *As diferenças entre os corpos*. O Testamento de Nephtalí relata que ele tinha os pés ligeiros como um cervo e que seu pai Jacó sempre o escolhia para levar qualquer mensagem. Na sequência, o patriarca afirma que não há diferença entre o ver e o ouvir, entre um homem e outro, entre uma mulher e outra. Ninguém é parecido com ninguém. O Testamento de Nephtalí, 2, descreve a beleza do corpo assim: Deus, no seu ordenamento, fez tudo bem-feito: na cabeça colocou os cinco sentidos e adaptou a cabeça ao pescoço, colocando cabelo por cima da cabeça como beleza e adorno; um coração para pensar; um ventre para expelir; um estômago para digerir; esófago para a respiração; um fígado para a ira; a bile para o amargor; um baço para o riso; rins para a sutileza; coxas para a força; as costas para dormir e outras coisas mais. A exortação termina convocando seus filhos a fazer tudo com reta intenção e no temor de Deus, pois tudo tem a sua função, pois o olho não vai escutar.

4 O dualismo grego em relação ao corpo na literatura apócrifa

A ressurreição de Jesus foi fundamental para a compreensão da materialidade do corpo e sua glorificação, na eternidade, ainda que muitos judeus e cristãos aceitavam a imortalidade platônica da alma. A ressurreição também serviu para contrapor o dualismo grego.

Por outro lado, para ressaltar a corporeidade na sua relação com o Sagrado, os judeus adeptos da corrente macabaica insistiam na prática da circuncisão, assim como Pedro o fez, no embate com Paulo, defendendo a circuncisão dos gentios que aderissem ao cristianismo.

4.1 Evangelho de Maria Madalena: o desafio de uma corporeidade integrada

Maria Madalena é uma figura emblemática, quando pensamos nos discípulos e na relação com Jesus. Ela foi ameaça para os Doze, por causa de sua proximidade com Jesus, o Mestre. É o que nos relata o evangelho que leva o seu nome, Maria Madalena, texto que chegou até nós através de um manuscrito grego datado provavelmente do ano 150 da E.C., e de sua tradução para o copta saídico, língua usada no Egito no século V, encontrada em 1945, em Nag Hammadi, no Alto Egito. Faria (2025, p.323).

Maria Madalena não era prostituta, mas recebeu essa alcunha da tradição para ter o seu papel de liderança subestimado. Na sociedade patriarcal, a mulher era identificada com o sexo e ocasião de pecado por excelência.

Maria Madalena, tida como prostituta, está ligada a Maria, mãe de Jesus e virgem pura por excelência. Lilian Sebatiani (1995, p. 230) escreve:

> No plano dos arquétipos, a figura mítica da meretriz penitente é estritamente conexa com aquela da Virgem mãe, e constitui em certo sentido a outra vertente do mesmo mecanismo psicológico. Virgindade e maternidade, antes de serem duas opções possíveis entre as inumeráveis escolhas essenciais, são símbolos arquetípicos que, absolutizados e referidos às mulheres como modelos de comportamento concreto, refletem uma visão da realidade exclusivamente machista. Acabam sendo funcionais ao perpetuarem imóveis este modelo de realidade. Nesta perspectiva, a mulher não-virgem-não-mãe constitui o arquétipo feminino negativo por excelência: a Prostituta ou, em todo caso, a Tentadora. Além disso, tanto a Virgem Maria Toda Pura, quanto a Pecadora

> Penitente Toda Impura, apesar de opostas, são definidas exclusivamente com base no sexo e na feminilidade percebida como uma realidade 'oposta' [...]. Enquanto Maria de Nazaré é a Mãe assexuada, Maria de Mágdala se torna a mulher, a Outra. Num contexto religioso totalmente machista, a Outra deve ficar num estado de inferioridade, portanto 'dominável', por definição e por princípio.

Em relação à corporeidade, no evangelho de Maria Madalena, em um dos diálogos dela com os discípulos, ela afirma que Jesus nos convida a sermos plenamente Humanos. Então eu lhe disse: 'Senhor, aquele tem uma visão, é pela psique (alma) que ele vê ou com o Pneuma (o Espírito, Sopro)?' O Mestre me respondeu: 'Nem pela psique nem pelo Pneuma; mas o nous estando entre os dois, é ele que vê e é ele que [...]'" (Faria, 2025, p. 326).

Jesus, o Salvador, nos coloca no caminho da integridade. Ser plenamente humanos, em grego *Anthropos*, significa ter o masculino e o feminino integrados. Ser *anthropos* é viver na síntese dessas duas polaridades presentes em cada um(a) de nós. O masculino não é superior ao feminino e nem o feminino é superior ao masculino, mas ambos, com suas particularidades, se complementam. É também no evangelho de Maria Madalena que aparece o diálogo de Pedro com Maria Madalena. Ele, primeiro, reconhece que ela era a preferida, a amada do Mestre, mas, logo em seguida, afirma que não acredita em suas palavras e duvida que o Mestre tenha falado com uma mulher sobre segredos que eles, os homens, não receberam sua revelação.

Esse modo de pensar é grego. Na visão platônica ou neoplatônica, o ser humano é composto de corpo (*soma),* alma (*psique*), espírito humano (*nous*). O nous, nesse caso, é um valor supremo que tem a função de libertar o corpo (sensações) e a alma (emoções). Já o evangelho de Maria Madalena propõe que o ser humano seja considerado um composto de corpo (*soma*), alma (*psique*), espírito (*nous*) e Espírito (*Pneuma*). O *Pneuma* não é uma realidade propriamente humana, mas é o Espírito Santo que transfigura o corpo, alarga e apazigua a alma, simplifica e esclarece o *nous*. Assim, tornar-se espiritual não significa negar o corpo e recalcar a emoções, mas integrá-las por meio do Espírito Santo (*Pneuma*). O ser humano deve manter o seu espírito (*nous*) sempre alerta, iluminando o seu caminho para não se desviar dos caminhos de Deus.

Na visão contemporânea o ser humano é corpo matéria que logo se decomporá. Por conseguinte, não existe a alma nem o Espírito Santo. Só vale o corpo e o prazer. Já na visão antropológica cartesiana dualista, o ser humano tem uma alma (*psique*) imortal e um corpo (*soma*) mortal. Não existe o espírito (*nous)* e o Espírito (*Pneuma*).

O acento demasiado nas visões contemporânea, cartesiana e platônica criou seres humanos pecadores e entregues às paixões, bem como almas escravas do corpo e de seus instintos.

O evangelho de Maria Madalena nos deixa o desafio de vir a ser um ser humano que considere as quatro dimensões da vida. Essa proposta é atual e intrigante. Em tempos de globalização, ou melhor, de desestruturação do ser humano no campo político, social, econômico e religioso, urge recriar um ser humano novo, de paixões e desejos integrados na esfera terrena e divina. Enquanto perdurar a injustiça social, a desarmonia pessoal e relacional, não estaremos integrados (Faria, 2003, p. 70).

4.2 Evangelho de Tomé

Descoberto em Nag Hammadi, no Egito, entre 1945 e 1946, o Evangelho segundo Tomé conhecido está escrito em língua copta, provavelmente uma tradução do grego ou do siríaco. A sua datação parte do ano 140. Alguns estudiosos preferem também os anos

90, outros, entre 120 e 140. As parábolas podem ser datadas, possivelmente, do ano 50. O evangelho de Tomé, escrito entre os anos 50 a 120 E.C. (Faria, 2025, p. 329).

O evangelho de Tomé conservou textos belíssimos sobre a integração do masculino e feminino. Nisso estava uma das condições básicas para entrar no Reino de Deus. O estado infantil, do qual viemos, é lembrado com insistência. O dito 22 do evangelho de Tomé narra: Jesus viu alguns meninos que estavam se alimentando de leite. Disse a seus discípulos: "Estes meninos que tomam o leite se assemelham aos que entram no reino". Eles perguntaram: "Se nós formos crianças, entraremos no reino?". Jesus respondeu-lhes: "Quando de duas coisas fizerdes uma só, quando tornardes o interno igual ao externo, o externo igual ao interno, a parte superior igual à inferior; quando fizerdes do macho e da fêmea um só ser, de tal modo que o macho não seja macho e a fêmea não seja fêmea; quando fizerdes olhos em lugar de um olho, mão em lugar de mão, pé em lugar de pé, imagem em lugar de imagem, então entrareis no reino".

O evangelho de Tomé faz uma crítica à visão de ter que esperar a salvação de modo apocalíptico. Basta a procura incessante do estado puro, quando vivíamos no jardim do Éden. As crianças são os símbolos perfeitos dessa situação querida por Deus. No entanto, não basta ser criança, é preciso unificar todo o corpo. O dois tem que voltar a ser um: interno e externo, um só pé, uma só mão, um só olho etc. O evangelho de Tomé nos deixa o desafio de ver o corpo por inteiro, sem divisão. Viver como crianças e sem recalques.

5 Considerações finais

A questão do corpo nas literaturas intertestamentária canônica e apócrifa nos proporciona um olhar sobre as relações humanas no período do Grande Silêncio de Deus e seus reflexos nos primeiros séculos do cristianismo. São corpos de mulheres que buscam se firmarem como lideranças no enfrentamento com homens misóginos e poderosos.

Na relação com o Sagrado, esses corpos são protegidos ainda que também matam, como as histórias de Judite e de Ester. O discurso sobre o corpo da mulher é apresentado como belo, mas que deve estar submisso ao homem. Já o corpo humano do injusto se tornará cinzas, mas o do justo será imortal. Os evangelhos de Tomé e de Maria Madalena apresentam uma nova visão de corpo e corporeidade no contexto do mundo grego helenista. Enoque e Testamento dos Patriarcas apresentam a questão por outros vieses, o apocalíptico e o do discurso parenético, isto é, discursos, sermões moralistas.

A literatura intertestamentária incorporou o dualismo grego helenista, corpo como cárcere da alma, diferente do judaísmo que via o ser humano como unidade. A dualidade grega, a divisão entre corpo e alma, deixou sequelas no nosso modo de pensar e agir. O corpo passou a ser visto como prisão da alma. Só a alma passou a ter valor. Salve a tua alma e basta! Quantas injustiças sociais e de gênero foram feitas em nome dessa dualidade.

O corpo e corporeidade marcam a nossa identidade. Como cristãos, a vinda de Jesus e sua ressurreição encerra o tempo do Grande Silêncio de Deus, põe fim ao tempo de sacrifícios imposto pelos sacerdotes do templo de Jerusalém para cumprir devidamente a Lei judaica. Jesus vai ao encontro de corpos sofridos e os liberta pela cura e misericórdia.

Referências

BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 1980.

COMBLIN, José. Corporeidade e Bíblia. *Estudos Bíblicos,* Petrópolis, v. 23, n. 87, p. 57–64, 2005. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/746. Acesso em: 11 mar. 2026.

FARIA, Jacir de Freitas. *Bíblia Apócrifa*: Segundo Testamento. 3. reimp. Petrópolis: Vozes, 2025.

FARIA, Jacir de Freitas. *As origens apócrifas do cristianismo:* comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé. São Paulo: Paulinas, 2003.

SACCHI, Paolo. *Apocrifi dell'Antico Testamento*. Milão: Associati S.p.A., 1993. v. 2.

SEBASTIANI, Lilia. *Maria Madalena*: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida. Petrópolis: Vozes, 1995.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2026 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica